



VI ENLIJE

Literatura e outras artes: reflexões, interfaces e diálogos com o ensino.

LEITURA LITERÁRIA E ADAPTAÇÃO: ENTRELAÇANDO CAMINHOS EM *HOJE É DIA DE MARIA*

Elisângela Araújo Silva (Autora); Luiz Antonio Mousinho Magalhães (Orientador)

Universidade Federal da Paraíba – eliaraujo@hotmail.com ; luizantoniomousinho@mail.com

INTRODUÇÃO

O trabalho com o texto literário em sala de aula tem se transformado num desafio para os educadores, que têm se deparado com um universo de tecnologias que distraem os educandos e por que não dizer que, de certo modo, competem dentro e fora da sala de aula. Mediante essa realidade, apontamos uma alternativa, enquanto procedimento metodológico, na abordagem do texto literário no meio escolar, conforme destacamos no presente artigo. Assim objetivamos discutir e apresentar o trabalho com a obra *Hoje é dia de Maria* (2005) de Luiz Fernando Carvalho e Luís Alberto de Abreu, um texto dramático de Carlos Alberto Sofredini adaptado para a televisão e, em seguida, lançado na versão impressa que fomentaram a experiência aqui relatada, comprovando que a sala de aula, o texto literário e a dramaturgia podem promover experiências agregadoras e formadoras de leitores literários.

Quando tratamos de texto literário adaptado, elencamos também o perpassar de elementos, gêneros e suportes. Partindo da valorização do texto e da experiência de leitura a ser realizada, um dos caminhos a ser seguido é o trabalho com a obra literária a começar da intertextualidade, que oportuniza o encontro entre obras, gêneros, personagens, temáticas, enfim, a leitura a partir de releituras. Nessa perspectiva, a experiência que descrevemos aqui, está composta por pelo menos três leituras do texto e seus intertextos: a leitura do texto impresso, a exibição e a adaptação feita pelos próprios leitores para ser exibida ao público, de modo que, após o processo de leitura, o texto é adaptado para uma dramatização numa perspectiva de abordagem do ensino de literatura em que o texto é o ponto de partida para o entrelaçamento com outros meios e gêneros.



METODOLOGIA

O presente trabalho se caracteriza como sendo, inicialmente de caráter bibliográfico, desenvolvido a partir de material já elaborado. Do mesmo modo que também se classifica como de natureza descritiva-explicativa dada a condição de coleta realizada por meio de intervenção em sala de aula. Isso porque, segundo Moreira e Caleffe (2006, p. 70), o valor da pesquisa descritiva “(...) baseia-se na premissa de que os problemas podem ser resolvidos e as práticas melhorada por meio da observação objetiva e minuciosa, da análise e descrição” ao mesmo tempo em que é explicativa porque, conforme os mesmos autores, “(...) tem como preocupação central identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos [...] explica a razão, o porquê das coisas”.

A experiência foi realizada com vinte alunos de uma escola da Rede Estadual de Ensino, localizada na periferia da cidade de Campina Grande – PB, e foi escolhida por já termos trabalhado na referida escola, na condição de professora de Língua Portuguesa, o que instigou o retorno à escola, desta feita pra realizar a experiência de leituras, conforme descreve o presente artigo. As atividades propostas tiveram como foco proporcionar a leitura da primeira parte do livro (o roteiro) de *Hoje é dia de Maria* (2005), de Luiz Fernando de Carvalho e Carlos Alberto de Abreu, uma obra inspirada no texto dramático de Carlos Alberto Sofredinni intitulado *Madrasta*, que aproxima o clássico do popular de forma intertextual, retomando o conto de fada clássico *A gata borralheira*.

Assim, a abordagem se deu a partir de três momentos: leitura do texto, exibição e montagem da encenação, destacando-se que tais momentos foram permeados por discussões entre os discentes, o que valorizou a experiência em sala de aula e a vivência com o texto literário.

A primeira jornada de *Hoje é dia de Maria* é constituída de oito episódios, que compõem 375 páginas, de modo que estávamos decididos a conduzir a intervenção, respeitando essa subdivisão. Os episódios foram distribuídos, na medida em que os encontros iam acontecendo, de modo que lemos os oito episódios em oito encontros. Logo no primeiro dia de atividades, distribuimos o primeiro episódio para leitura, que foi antecedida por uma breve apresentação da obra.

Tal divisão foi necessária, pois não seria possível ler a obra num único encontro. Por outro lado, a extensão de texto a ser lido não justificou a ausência da leitura e nem nos limitou. Diante



dessa condição, adaptamo-nos à necessidade.

Iniciamos a abordagem considerando como opção metodológica a leitura integral do texto literário, uma vez que, se buscamos a valorização do texto literário no sistema de ensino, precisamos quebrar a tradição da leitura de fragmentos e oportunizar o contato direto, efetivo e constante com a obra. Além da valorização do texto, a leitura integral da obra possibilita o olhar mais atento em relação ao aluno, que irá reagir à leitura, favorecendo o diagnóstico por parte do professor a partir das capacidades, competências e limitações que circundam o educando, conforme destaca Mello (1998, p. 266), observando que

É nesse sentido que, nos estudos sobre a leitura, se tem começado a consagrar uma atenção especial ao sujeito-aprendiz e ainda aos processos de aprendizagem, considerando inevitavelmente a questão das capacidades, das competências e dos obstáculos na aprendizagem.

De tal modo, planejamos a intervenção com início na leitura do texto em voz alta, realizada em oito encontros destinados à leitura de cada episódio, e, na sequência, a exibição. Portanto, destinamos um dia para ler e outro para assistir à obra. Conforme Oliveira (2004, p. 350-351), a prática de leitura se adapta a outros suportes, que podem agregar valor ao processo de leitura, condição corroborada na presente experiência, quando notamos diferenças na recepção de cada suporte.

Por fim, solicitamos que os alunos construíssem, de forma coletiva, um texto, uma adaptação de *Hoje é dia de Maria*, para que se apresentassem no pátio da escola. A construção do texto foi realizada em sala de aula, da mesma forma que o ensaio. A apresentação foi feita para a comunidade escolar, e, ao final, os alunos puderam ler, assistir e encenar o texto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao longo do tempo, temos prestigiado encontros entre literatura e outras artes, diálogos entre diferentes formas de expressão seja pintura, escultura e como não poderia deixar de ser ela também promove encontros com as mídias, utilizando, para tanto, a adaptação da ficção literária



para a ficção cinematográfica, televisiva, provando sua capacidade de dialogar com meios populares de propagação, que não seja apenas a leitura da obra impressa. Linda Hutcheon em seu livro *Uma teoria da adaptação* (2013, p. 21) diz que “As adaptações estão em todos os lugares hoje em dia: nas telas de televisão e do cinema (...) são velhas companheiras: Shakespeare transferiu histórias de sua própria cultura das páginas para o palco, tornando-se assim disponíveis para o público totalmente distinto.” Percebemos assim que a adaptação não é um fenômeno recente, mas um recurso há muito utilizado, e que se faz responsável pela mescla de elementos, histórias e gêneros.

Quando tratamos de obras literárias adaptadas para o audiovisual o cinema se destaca, e, muitas vezes, essas produções acabam sendo exibidas também na televisão. O que não significa dizer que uma obra literária não possa ter sua adaptação pensada diretamente para a TV. Na abordagem sobre a adaptação de uma obra impressa para um meio audiovisual, estamos nos reportando, principalmente, à materialização do imaginário, uma vez que, enquanto a obra literária suscita a capacidade imaginativa do leitor e sua construção imagética, o recurso audiovisual exhibe, projeta a imagem, ecoa o som.

Produções televisivas, assim como acontece com o cinema, também podem produzir bons resultados a partir do texto literário e até valorizá-lo como afirma Nigamini (2004, p.16): “Pode-se, na TV, produzir programas de qualidade, servindo inclusive para rediscutir e redimensionar o próprio texto literário.” Deste modo, as adaptações possibilitam a valorização do texto literário ao despertar a curiosidade do espectador a partir do que este passa a conhecer na produção fílmica ou televisiva. O imprescindível nessa relação entre a obra literária e os veículos de comunicação de massa aqui tratados é a compreensão de que cada meio apresenta as suas especificidades e que cada obra adaptada dispõe de similaridade que a faz singular.

Quando cogitamos observar a recepção da obra *Hoje é dia de Maria* em sala de aula, pautamo-nos, principalmente, no seu caráter intertextual como principal porta de entrada para a experiência leitora. Acreditávamos que os intertextos presentes no livro seriam capazes de cativar o alunado e fazê-lo envolver-se com a leitura literária como uma experiência agradável e significativa.

Sendo assim, iniciávamos a leitura vocalizada e observávamos como os alunos iam reagindo, de modo que, em muitos momentos, paramos para discutir passagens e elementos da narrativa.

Para a recepção de *Hoje é dia de Maria* em sala de aula, utilizamos como estratégia, além da



leitura, a exibição da obra, para que o aluno-leitor pudesse, através do vídeo, sentir-se estimulado a continuar a experiência de leitura, dado que cada vez mais os educandos interagem no mundo digital, tecnológico e, conforme aponta Oliveira (2004), a leitura do livro impresso pode e deve ser associada a novos suportes.

A cada episódio lido, a versão em vídeo era exibida na sequência, e a noção de distração que, normalmente, os alunos atribuem ao ato de assistir, era associada à experiência de abordagem de *Hoje é dia de Maria* em sala de aula. Observamos que a obra em questão foi bem aceita pelos alunos nas duas modalidades de recepção, e verificamos que a etapa de leitura, sucedida pela exibição, foi relevante porque esses alunos puderam assistir a um vídeo que, ao contrário de apresentar “escapismos” ou conteúdo alienante, proporcionou um entretenimento que tratava do simbólico, do imaginário, do lúdico, materializando o que as leituras anteriormente realizadas estavam instigando.

Na exibição do último episódio, foi feito um grande círculo na sala para a realização da leitura dos principais textos identificados na obra *Hoje é dia de Maria*. Levamos a história de *Cinderela*, de Charles Perrault, para que os alunos pudessem comparar; também realizamos a leitura de *A menina enterrada viva*, recolhida por Camara Cascudo; *Malasaventuras*, de Pedro Bandeira; além de *Proezas de João Grilo*, de João Ferreira de Lima. O procedimento foi realizar cada leitura sem fazer nenhum comentário a princípio.

No entanto, durante a leitura, os alunos foram tecendo comentários e relacionando histórias, temas e personagens, o que nos remete ao conceito de Samoyault (2008, p. 32), quando trata a intertextualidade, isto é, a copresença de um texto no outro. A intenção de observarmos o processo de recepção dos alunos em relação aos textos se deu como oportunidade de comprovarmos que o intertexto amplia e diversifica o repertório de leitura do leitor, bem como contribui para a formação do leitor literário ao viabilizar não só a leitura, mas também capacidade do aluno relacionar traços convergentes e divergentes entre as obras.

Sendo assim, o primeiro texto lido foi *Cinderela* e, durante a realização da leitura vocalizada, o aluno BA disse: “Professora essa história parece com a história de *Maria*”. Na verdade, para esse aluno, não há a relação temporal que a história *Hoje é dia de Maria* é que se “parece” com a de *Cinderela*, mas o dado a ser considerado é o fato de ele ter identificado a intertextualidade entre as duas narrativas. Em seguida, o aluno MD declarou: “É nessa história ela



vai pro baile e depois se casa com o príncipe”. Já na leitura do texto *A menina enterrada viva*, a aluna TC comentou que a personagem sofreu o mesmo que *Maria*, e BA completou afirmando: “Essas madrastas são tudo ruim”. O fato de os alunos exporem suas impressões a partir de elementos, passagens ou momentos das obras confirma-nos as palavras de Machado (2002, p. 126-126), afirma que os textos conversam entre si por meio de autores e leitores que se relacionam com as obras.

Na leitura de um episódio de *Malasaventuras e Proezas de João Grilo*, os alunos riram com as peripécias de seus protagonistas e fizeram referências à postura de *Maria*, principalmente em relação ao modo como a protagonista da narrativa em estudo conseguia enganar seu antagonista *Asmodeu*, a exemplo da cena em que *Maria* faz a brincadeira do chapéu e engana *Asmodeu*.

Ao final da leitura dos intertextos, perguntamos aos alunos quais dos textos lidos já eram conhecidos por eles, e eles responderam que já conheciam a história de *Cinderela* e apenas o aluno MD afirmou já ter conhecido as aventuras de *João Grilo* na versão em cordel.

Observamos que a intertextualidade presente na obra *Hoje é dia de Maria* proporcionou leituras que, além de aumentarem o repertório dos participantes ainda oportunizaram momentos em que a leitura do texto literário foi realizada isenta de atividades conteudísticas, centrando atenção no texto e seus sentidos, utilizando o caráter intertextual da obra como uma possibilidade de discussões e leituras paralelas à leitura principal.

Terminada a etapa de leitura da obra e dos seus respectivos intertextos, comentamos com os alunos que, depois de terem lido, assistido ao vídeo e discutido o texto, era o momento então de encená-lo. Os alunos ficaram muito ansiosos, dizendo: “Então vamos professora!”.

Em *Hoje é dia de Maria*, o encontro de gêneros literários caracterizou não apenas a composição da obra, mas também a sua recepção em sala de aula, uma vez que, a partir da referida obra, foi realizada a leitura de outras narrativas. E a experiência da abordagem dessa obra oportunizou não apenas a leitura e a discussão do texto lido, mas fez o alunado visualizar e vivenciar a obra.

A presença de elementos dos contos de fadas, da cultura popular e da montagem do texto dramático fez a turma adentrar no universo ficcional, fato corroborado, conforme apontou a descrição e reflexão sobre a intervenção, nas situações em que quem conversava era chamado à atenção pelos demais, bem como nos momentos em que os alunos se incomodavam quando a aula



terminava; pelo silêncio que se instalava na sala durante a realização da leitura; nas disputas entre os alunos para participarem da leitura vocalizada; nos olhos “vidrados” no que estava sendo exibido, mesmo depois de já terem conhecimento do conteúdo, além dos comentários feitos anteriormente. A abordagem em sala de aula priorizou o ler, mas acrescentou o ver e o atuar, o que resultou numa experiência positiva, isso porque a concentração na leitura, a atenção ao ver o vídeo e o comprometimento na encenação da obra atestaram o envolvimento dos participantes nessa experiência com o texto literário.

Durante o processo de leitura dos episódios, foi solicitado aos alunos que fossem anexando cada capítulo lido para que, ao final da etapa de leitura, todos estivessem com a totalidade da jornada em mãos, o que de fato ocorreu, de modo que, ao encerrarmos as atividades de leitura, propomos que os alunos se dividissem em grupos e, mediante a consulta dos episódios lidos, montassem um texto que viria a ser encenado, sendo o interesse generalizado. Enfatizamos que eles deveriam selecionar o que para eles seriam os momentos principais ou mais marcantes da obra. Quando selecionaram os tais momentos, solicitamos que cada grupo selecionasse um representante e que estes, juntos, montassem o texto a ser encenado e que o resultado da montagem fosse digitado, para que, no encontro seguinte, fosse iniciado o ensaio.

Na aula seguinte, começamos a distribuir os papéis, o que ficou a critério dos próprios alunos, porquanto eles se identificaram com os personagens, manifestando a vontade de representá-los. Como sempre ocorre, alguns alunos mais tímidos preferiram participar no apoio das ações a serem realizadas, a exemplo de cronometrar o tempo, organizar os espaços e produzir as vestimentas, dando opiniões, emprestando objetos pessoais para a produção dos personagens e até mesmo ajudando os colegas no dia da apresentação. Em seguida, começamos os ensaios que, ocorreram nas duas aulas subsequentes.

Os ensaios ocorreram em sala de aula, no período de dois encontros de uma hora e trinta minutos cada um. Dos vinte participantes da intervenção, quatorze alunos atuaram na encenação, sendo que destes, três alunas, que haviam afirmado só quererem participar da produção, pediram para serem figurantes no momento em que *Asmodeu bonito* chega para assediar *Maria* e *Zé Cangalha*, o que nos mostrou a intenção dos educandos em estarem envolvidos de algum modo com a experiência.

A participação da turma evidenciou que a experiência continuava a ser produtiva ao



percebermos que os alunos estavam vivenciando efetivamente de todas as etapas da intervenção, comprovando o poder de sedução que os contos de fadas mantêm até hoje e a importância dos mesmos como alternativa para familiarizar leitores com relação ao caráter simbólico da linguagem literária (DODÓ, 2008, p. 110). A nossa intenção era deixar os alunos à vontade com o texto a ser apresentado, para que eles internalizassem cada personagem, conforme nos fala Cavalcanti (2009, p. 60), ao sugerir que procuremos investir, criar e multiplicar esse tipo de narrativa “[...] para que os contos continuem a ser uma varinha de condão ou palavras mágicas que nos dê acesso aos mais recônditos espaços do nosso ser/estar no mundo”.

A apresentação ocorreu no dia em que havia uma programação na escola com a presença da comunidade. O cenário foi o ambiente do pátio onde haveria a programação da escola. A ocasião foi relevante, pois criou uma expectativa nos alunos ao saberem que seus parentes iriam prestigiar o que eles estavam preparando. E assim, os alunos se dedicaram, não apenas nas suas atuações, mas também nas produções de personagens, improvisando os figurinos com itens de uso cotidiano dos participantes. O público presente riu muito com a apresentação da turma. O texto foi montado, explorando, principalmente, o encontro entre *Maria, Zé Cangalha e Asmodeu*, de modo que os trejeitos, a linguagem interiorana e a astúcia da protagonista ao lidar com o demônio arrancou muitos risos da plateia.

No dia da apresentação, os alunos se produziram nas instalações da escola e, como havia uma programação a ser realizada, os estudantes da instituição estavam circulando, não só pela programação da escola, mas pelo fato de estarem curiosos para ver o que os participantes da intervenção iriam apresentar, visto que tais alunos haviam comentado no turno regular o que estava sendo desenvolvido na turma do Mais Educação – um programa de reforço escolar desenvolvido nas escolas públicas com apoio do Governo Federal e que funcionava no contraturno.

Desse modo, quando os alunos começaram a se dirigir até o pátio, aonde iriam se apresentar, criou-se um entusiasmo não só entre os participantes, mas também entre os presentes, em particular, no que diz respeito à produção do aluno EM, caracterizado de *Asmodeu original*, que se dizia nervoso e ansioso ao mesmo tempo. Para que EM se deslocasse da sala onde os participantes se produziam até o pátio, os alunos que estavam no apoio o cobriram de modo que ele chegasse ao local em que iria se apresentar e lá ficou encoberto até o momento da sua fala. Sua produção e atuação foi um dos destaques da apresentação.



Após a apresentação, encontramos-nos na sala onde havíamos vivenciado o processo de leitura, visualização e ensaio da obra. A reação de satisfação nos parecia generalizada. Os alunos riam e tiravam fotos, e a maioria repetia: “Foi massa!”. Todos estavam entusiasmados e empolgados com o que tinham acabado de vivenciar. A euforia parecia ser o termo mais adequado para aquele momento.

A dramatização permitiu a concretização da leitura feita em diversas direções. Os alunos tiveram a oportunidade de incorporar o que haviam lido, não apenas retomando a leitura, mas vivenciando-a. Com a dramatização, os participantes puderam completar a experiência de leitura em que diferentes momentos e emoções foram explorados, provando que a leitura pode estar totalmente relacionada ao entretenimento.

O trabalho em sala de aula com *Hoje é dia de Maria* fez com que o aluno experimentasse o que havia lido, sentindo-se na obra através dos personagens, fazendo a ligação com o texto. Sugerimos o que foi executado: a recepção da leitura literária como um processo divertido, construtivo, enfim, marcante, assim como destaca Jouve (2002, p.61), ao afirmar que o processo de leitura não está pautado numa relação passiva, mas numa interação produtiva entre texto e leitor. Além do mais, fica destacado que o trabalho com o texto literário pode mesclar temas, títulos, autores, suportes e principalmente gêneros.

CONCLUSÕES

Para que a leitura literária seja vivenciada como um processo positivo na escola, é necessário que o educando seja inserido numa prática leitora. Sendo assim, a literatura infanto-juvenil se apresenta como uma alternativa de trabalho com o texto literário no Ensino Fundamental, posto que as obras infanto-juvenis tratam das questões humanas sem deixar de tratar do lúdico, do simbólico, sobre o qual o texto é montado.

O presente trabalho mostrou que a leitura do texto literário pode ser realizada em sala de aula na sua totalidade, isso porque a oficina de leitura com a obra *Hoje é dia de Maria* possibilitou a leitura da primeira jornada da obra, um roteiro composto de 375 páginas, lidas e discutidas durante o horário disciplinar, o que demonstra que o valor do texto literário deve ser considerado



independente do número de páginas que o compõe. Destacamos que uma obra literária pode prender a atenção do aluno e instigá-lo a partir de seu conteúdo, de seus elementos e, no caso de uma obra composta de diálogos intertextuais, o texto se torna gerador de outras leituras, conforme realizamos na intervenção de *Hoje é dia de Maria*. Assim, o entrelaçamento do texto com o intertexto amplia repertório, fomenta discussões sugestionadas por traços convergentes e divergentes, além de oportunizar a abordagem do texto em diferentes gêneros.

A presença de elementos dos contos de fadas, da cultura popular e da montagem do texto dramático fez a turma adentrar no universo ficcional, fato corroborado, conforme apontou a descrição e a reflexão sobre a intervenção, nas situações em que quem conversava era chamado à atenção pelos demais, bem como nos momentos em que os alunos se incomodavam quando a aula terminava; pelo silêncio que se instalava na sala durante a realização da leitura; nas disputas entre os alunos para participarem da leitura vocalizada; nos olhos “vidrados” no que estava sendo exibido em vídeo, mesmo depois de já terem conhecimento do conteúdo. A abordagem em sala de aula priorizou o ler, mas acrescentou o ver e o atuar, o que resultou numa experiência positiva, isso porque a concentração na leitura, a atenção ao ver o vídeo e o comprometimento na encenação da obra atestaram o envolvimento dos participantes nessa experiência com o texto literário.

Além da leitura e discussões ocorridas em cada momento de contato com os episódios, os alunos tiveram a oportunidade também de assistir à obra e vivenciar a história sob três perspectivas: a de imaginar o texto narrado, de visualizá-lo a partir do que o autor pretendia com sua produção e a de ser o que leu, imaginou e assistiu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Luís Alberto de. CARVALHO, Luiz Fernando; [baseado na obra de SOFFREDINI, Carlos Alberto]. *Hoje é dia de Maria*. São Paulo: Globo, 2005.

BANDEIRA, Pedro. *Malasaventuras: safadezas do Malasartes*. São Paulo: Moderna, 1984.

CASCUDO, Luis da Camara. *Contos Tradicionais do Brasil*. Belo Horizonte: Italaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1986.



CAVALCANTI, Joana. **Caminhos da literatura infantil e juvenil**. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2009.

DODÓ, Marlúcia Nogueira. O lugar da fantasia na escola: em busca de horizontes. In: Pinheiro et all (Orgs). **Literatura e Formação de Leitores**. Campina Grande: Bagagem, 2008.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Tradução André Cechinel. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

JOUVE, Vicent. **A leitura**. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: UNESP, 2002.

LIMA, João Ferreira de. **Proezas de João Grilo**. São Paulo: Luzeiro, 1979.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro, 2002.

MELLO, Cristina. **O ensino da literatura e a problemática dos gêneros literários**. Coimbra: Livraria Almedina, 1998.

MOREIRA, H. CALLEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

NAGAMINI, Eliana. **Literatura, Televisão, Escola: Estratégias para leitura de adaptações**. São Paulo: Cortez, 2004.

OLIVEIRA M. R. Momesso de. A criança leitora: entre o impresso e o eletrônico. In:

CECCANTINI, João Luís C. T. (Org.) **Leitura e literatura infanto-juvenil**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2004, p. 350-364.

SAMOYAULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. Trad. Sandra Nittrini. São Paulo: HUCITEC, 2008.

PERRAULT, Charles. **Cinderela**. Santa Catarina: Todolivro Ltda, (S/D).